

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LADO B.B.

7 e 13 de outubro de 2026

BONNIE AND CLYDE / 1968

Um teledisco de François Reichenbach

Realização: François Reichenbach / Autoria da Letra da Canção Original: Serge Gainsbourg / Álbum: Bonnie and Clyde, 1968 / Intérprete: Brigitte Bardot, Serge Gainsbourg / Produção: Les Films du Quadrangle / Cópia: Digital, a cores, cantado em francês / Duração: 4 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

A SIMPLE FAVOR / 2018

(Um Pequeno Favor)

Um filme de Paul Feig

Realização: Paul Feig / Argumento: Jessica Sharzer, baseada no livro homónimo de Darcey Bell / Música: Theodore Shapiro / Direção de Fotografia: John Schwartzman / Montagem: Brent White / Casting: Bem Harris, Allison Jones / Design de Produção: Jefferson Sage / Direção Artística: Brandt Gordon / Guarda-roupa: Renee Ehlich Kalfus / Som: Ryan Coursey / Interpretações: Anna Kendrick (Stephanie Smothers), Ian Ho (Nicky Nelson), Johsua Satine (Miles Smothers), Glenda Braganza (Mrs. Kerry), Andrew Rannells (Darren), Kelly McCormack (Stacy), Aparna Nancherla (Sona), Jiah Mavji (Sona's Daughter), Avana LaFramboise (Lulu), Blake Lively (Emily Nelson), Henry Golding (Sean Townsend), Gia Sandhu (Valerie) / Cópia: DCP, a cores, falado em inglês com legendagem em português / Duração: 117 minutos / Estreia Mundial: 10 de setembro de 2018, Nova Iorque / Estreia Nacional: 20 de setembro de 2018 / Primeira passagem na Cinemateca.

Duração total da projeção: 121 minutos.

Aviso: ao início desta sessão, projeta-se um “videoclipe-surpresa” identificado neste cabeçalho.

Emily é como “um enigma” ou é, enfim, “um belo fantasma”. A descrição pertence ao marido escritor quando não se sabe ao certo do paradeiro dessa elegante e magnética Relações Públicas de uma empresa de moda. Tudo à volta de Emily cabe nas páginas de um livro, à laia de uma versão feminina de *The Great Gatsby*. É tal o efeito do seu carisma que quase tudo em Emily ou em torno da sua história pertence mais à ordem da ficção do que à feia e banal realidade de todos os dias. Ela é uma personagem excecional, de facto.

O marido parece estar apaixonado por Emily como mulher e como personagem. E se é assim com este escritor em crise, naturalmente menos acessível será Emily à protagonista de **A Simple Favor** interpretada por Anna Kendrick, Stephanie Smothers, pois esta acabou de conhecer a inefável musa. Stephanie é uma viúva que divide o seu tempo entre o *vlogging* (em que partilha com a comunidade *online* as suas engenhosas receitas de comida saudável e todo o tipo de *arts and crafts*) e o filho pequeno. Ela vê a sua vida dar uma volta de 180 graus a partir do momento em que é surpreendida pela “aparição” de Emily. Mulher de compridos cabelos dourados, vestindo um fato completo feito à medida e envergando um chapéu preto *chic* a valer. Um *look* que lembra um *mix* entre Marlene Dietrich e Brigitte Bardot (numa banda sonora repleta de música francesa,

é B.B. quem recebe mais atenção, com três dos seus temas a passarem no filme, sendo que *Bonnie & Clyde*, “malha” com Serge Gainsbourg, irrompe mais ou menos a meio, num momento decisivo no filme). Na sua primeira aparição aos olhos de Stephanie, Emily atravessa a estrada para ir buscar o filho à escola e o tempo parece parar. Os filhos de ambas são *best friends*, o que vai precipitar esse encontro entre mães – são os outros pais que notam quão surpreendente é ou seria uma relação de amizade entre estas duas mulheres tão diferentes entre si. Se calhar é disso que Stephanie precisa nesta altura da sua vida: de uma nova companhia, de alguém que abale o mundo certinho de “mãe galinha”, de alguém que esfrie o seu irrequeto infantilismo ou, pondo de outro modo, de alguém que espicace a sua aparência frigidamente imberbe.

O encontro – que é sempre uma espécie de “confronto” entre “tipos” de mulheres – é explorado por Paul Feig nos primeiros minutos, sem que a tipificação esgote o espaço aberto ou sugerido para que, contra todas as probabilidades, não só cada uma destas mulheres se torne mais complexa, como a relação entre ambas nos pareça, afinal, não só possível como bastante “natural”. No meio de tanto *role play* e construção quase plástica destas vidas muito americanas, apetece dizer que Paul Feig encontra o seu parque de diversões predileto. O realizador de **Bridesmaids** (2011) ou **The Heat** (2013) especializou-se em comédias românticas que se aventuram num tipo de “burlesco no feminino” extremamente raro na história do cinema americano – talvez possamos encontrar em Melissa McCarthy, coprotagonista de **The Heat**, qualquer coisa que se iniciou na comédia “desbocada” de uma Mae West, mas, na verdade, Feig desbrava um território muito particular nesses seus filmes. E depois há qualquer coisa que faz dele um “Pedro Almodóvar americano”, ao misturar géneros pulposos, o *thriller* e o melodrama, e, debaixo da paleta colorida, disfarçando mal um certo prazer nutrido pela comédia sexual mais escatológica.

Em certa medida, **A Simple Favor** antecipa aquele que é um dos maiores sucessos de público da carreira de Feig, **The Housemaid** (2025), com Sydney Sweeney e Amanda Seyfried. Uma mulher entrando na vida de outra, “ocupando” o seu lugar, face a uma retirada de cena qualquer ou a um desaparecimento inesperado (porventura mais hitchcockiano do que almodovariano) – os dois filmes contam-se, em traço grosso, da mesma maneira. Qual a diferença, então? Trata-se de uma questão de ritmo, de *panache* muito francês, e, como notou Richard Brody na sua crítica publicada na *The New Yorker*, da qualidade das duas atrizes principais e da sua inegável química: “O mais extraordinário de tudo é que Kendrick e Lively têm a capacidade de disfarçar tudo aquilo que falta ao filme e de lhe conferir – pelo menos, durante o tempo que dura a sessão – uma ilusão satisfatória de plenitude.”

Essa relação entre Kendrick e Lively, estranhamente fascinante ou fascinantemente estranha, assombra todo o segundo ato do filme à laia de um “fantasma belo”. Ansiamos pelo retomar desses momentos iniciais enquanto o *thriller* vagamente devedor de **Gone Girl** (2014) (ou será mais **Les diaboliques** [1955]?) se vai desenrolando, *twist* após *twist*. O que nos interessa preservar é a memória desses encontros que são aquilo que mantém vivo o espírito indagatório de Stephanie. E nos mantém também a nós ligados à máquina nem sempre excitante da intriga. Dizia o Conde de Buffon que “o estilo é o homem”, pois aqui rigorosamente falando é a mulher que é o estilo, mas, como no citado *The Great Gatsby*, ela só *existe e se faz assim* mediante um outro olhar com alguma capacidade romanesca. Stephanie é a justa observadora, qual “escritora” improvisada e colhida pelas circunstâncias, que narra e ficciona para nós a mulher perigosa que toda a gente deseja ser ou possuir, apesar de tudo o que isso possa acarretar.